

Impresso
na
Câmara Legislativa
do Distrito Federal

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de
Raquel
de Queiroz

O fraseado imaginativo do compositor popular

□ RENATO VIVACQUA

Os compositores populares brasileiros são de inesgotável inventiva. Neste meu artigo pretendo mostrar o talento com que eles pinçam expressões do dia-a-dia enraizadas e criam outras, encaixando-as com extremo oportunismo em suas obras. Começemos com um painel zoológico.

Ataulfo Alves filosofa em seu excelente samba "Laranja madura":

Laranja madura
Na beira da estrada
Ta bichada, Zé
Ou tem marimbondo no pé.

A bicharada continua desfilando. Conde e J. Romero recomendam:

Calado é bom
Sisudo é bonito
Boca fechada
Não entra mosquito.

No início do século passado, um senador do Piauí foi apelidado de Vaca Brava. Em certa ocasião foi apertado com ironia: "Vossa Excelência, com certeza quer me avacalhar". Não demorou e o termo foi parar nas ruas:

Neste Rio de Janeiro
Neste centro abençoado
Seja pobre ou rico
Tudo está avacalhado.

O moté do Barão de Itararé, com sua mordacidade, é aproveitado na composição carnavalesca "Marcha da galinha".

Rico come peru, rico come contente
Pobre quando come galinha, meu irmão,
Um dos dois está doente.

A penúria de Zé da Zilda não podia ser mais bem expressa:

Eu dou pulo e dou salto
Até pareço um cabrito
Mas dinheiro no meu bolso
É língua de mosquito!

O careca é a contragosto um referencial. Antônio Brasil, Jota Amâncio, Manoel Vieira e Célio Cordeiro mostram isso:

Na careca dele a moçada tá de olho
A careca do careca é tobogã de piolho.

Antes de ser o bruxo milionário, Paulo Coelho foi um talentoso parceiro de Raul Seixas. Dois provocadores:

Eu sou a mosca que pousou na sua
[sopa.

Mostra ojeriza aos machões. O camarão é saída para José Ribas e Alédio Santos:

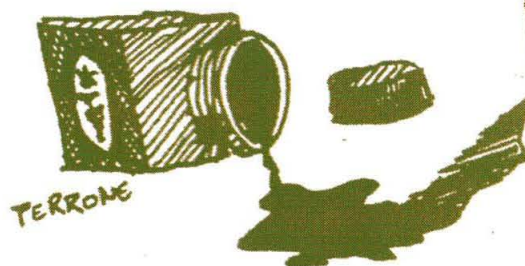
Eu só entro em pagode
Que tenha muita mulher
Porque na minha opinião
Barbado só camarão.

Na década de 50 o carro Cadillac era chamado rabo de peixe, pelo formato da traseira. Gilberto Martins e Ary Monteiro foram ao tema:

Você quer rabo de peixe
Conversível ou baratinha
Pra que você não me deixe
Dou-lhe um rabo de sardinha.

Carlos Roberto é outro que quer distância do GLS:

Essa não, homem eu não vejo
Mulher é meu desejo.
Mas homem "Credo em cruz"
Não tenho paladar de avestruz.



Criativa observação é a de Panchito, Clóvis Lima e Nascimento Filho:

Se mamão tivesse vitamina
Sabiá não tinha a perna fina.

O mesmo Nascimento Filho, agora com José Roy e Julio Carlos, está convicto:

Eu nasci pra ser sultão
Uma andorinha só não faz verão.

Roberto Bittencourt não quer muita conversa:

Quem refresca pé de pato é lagoa
Essa é boa, essa é boa
Pega outro alguém
Não vem que não tem.

Os ditados zoológicos são apreciados pelos compositores. Vicente Longo e Waldemar Camargo mostram esperteza:

Papagaio come milho,
Periquito leva a fama
Quem é bobo fica em casa
Quem não chora não mama.

O "zoólogo" Vicente Longo continua com Waldemar Camargo, durão:

Tá na hora da onça beber água
Morena, morena
É hoje que você me paga.

O experiente Rutinaldo está atento:

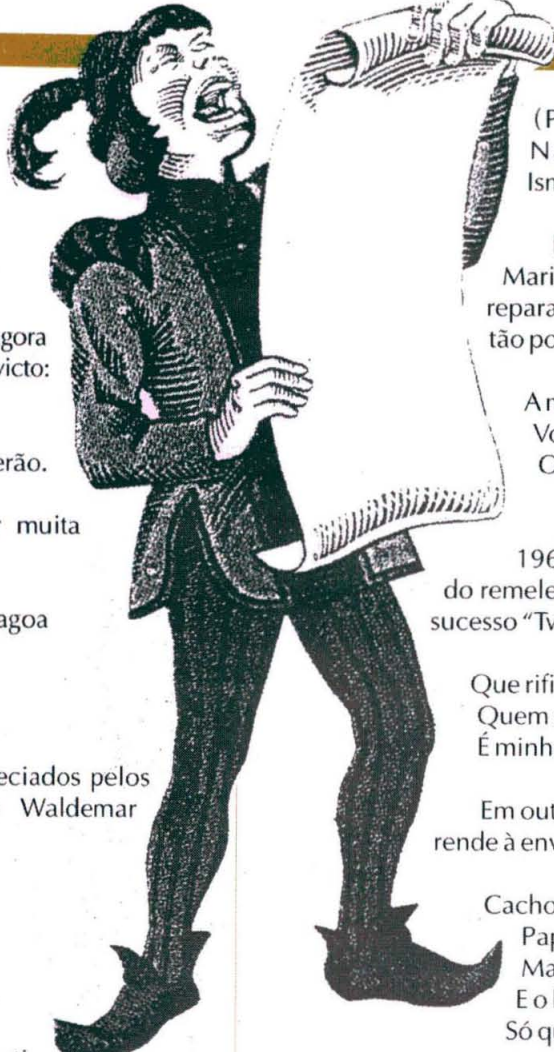
Papai é macaco velho
Não bota a mão em cumbuca
Não boto, não boto, não boto porque machuca.

Sebastião Gomes, Haroldo Lobo, um dos nossos maiores compositores carnavalescos, e Júlio Leiloeiro, que lhe comprava parcerias mais para ajudá-lo a sair do sufoco, preferem as lolitas:

Morcego voa e não é passarinho
Gosto de broto e não sou cabritinho.

Aliás, cabrito conformado é o que não falta:

Vou trocar você por um cabrito
Não quero grito, não quero grito
O bom cabrito não berra
Já disse alguém com razão.



(Paulo Rogério, Hélio Nascimento, Leopoldo, Ismael)

No carnaval de 70 Aluízio Marins, M. Alves e Esaer Lima (já repararam a fartura de autores para tão pouco conteúdo?) lamentam:

Amaré não tá pra peixe
Vou pegar tatu na serra
O bom cabrito não berra.

João de Barro e J. Jr., em 1962, já antecipavam o boom do remelexo dos bum-buns no grande sucesso "Twist no carnaval":

Que rififi, que futebol
Quem se remexe
É minhoca no anzol.

Em outra composição Braguinha se rende à envolvimento da mulher:

Cachorro se prende pelo pescoço
Papagaio pelo pé
Macaco pela cintura
E o homem por onde é?
Só quem sabe é a mulher.

A cobra também despertava inspirador fascínio:

Seu dinheiro é igual a pé de cobra
Ninguém vê.
(Picolé da Beija-Flor/Dicró)

Walter Levita e o comico Zé Trindade preparam o bote:

Vamos, menina, vamos
Vamos bater um papo
A cobra que não anda não engole sapo.

Outro réptil sempre convocado é o jacaré:

Acerta o passo, Mané
Quem nasceu pra lagartixa
Nunca chega a jacaré.
(Rutinaldo/Jorge Washington)

Chacrinha, sempre surrealista, com Getúlio Macedo proclama:

Alô, alô, Dona Aurora
Jacaré pra cantar demora.

Vicente Longo e Waldemar Camargo choramingam:

É hoje, é hoje, irmão
Tô matando jacaré a beliscão.

Junot Dutra é precavido:

Vai, bochechudo
Rio onde mora piranha
Jacaré bebe água de canudo.

O cúmulo da incapacidade é detectada por Carlos Roberto:

Você não é de nada, só é mesmo de pagá
Quer entrar em toda jogada
Você é de dar nó em rabo de preá.

Os ditados são aproveitados com muito oportunismo. Assim fizeram Mauro de Almeida e João Lopes no carnaval de 1971:

Quem a paca compra caro
Caro a paca vai pagar
Você errou e não adianta chorar
Porque não acreditou no provérbio popular.

"Provérbio" é obra da exímia dupla paulista Denis Brean e Oswaldo Guilherme:

Se um não quer dois não brigam
É o provérbio quem diz
Mas se isso fosse verdade, meu bem
Como eu seria feliz.

Augusto de Oliveira e Nilo Barbosa não ficam longe da verdade:

Ditado certo alguém dizia
Se bobear fica pra titia.

Em parceria com Castelo, o eterno Mário Lago canta o retorno:

A cadeira de balanço está ali
Ficou para saudade
Então, como sempre, entraste
Quem foi rei não perde a majestade.

J. Jr. e Oldemar Magalhães ironizam a ingênua Maria:

Eu nunca vi pescaria, Maria
Sem caniço e samburá
Quem não arrisca não petisca
Mas sem isca, essa não!
Você não sabia, Maria
E foi no golpe do arrastão.



Pereira Matos e Geraldo Gomes estão determinados:

Eu sei que ela não me tem amor
Mas eu sou louco por aquela criatura
Eu vou cumprir o ditado
Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura.

O velho babão é detonado por Dora Lopes, Nilo Viana e Batista:

Com esse velho ninguém agüenta
Anda pra trás e não é caranguejo
Só vai ao teatro na fila do gargarejo.
Diz que está por dentro com as vedetes
Que nem caroço de abacate
O velho está por fora que nem arco de barril.

Chacrinha retorna, conselheiro:

Amor é como pirulito
Começa com açúcar, acaba no palito.

O recado ao *bon-vivant* de Arnô Prozenzano e A. Madureira é duro:

Quem dá sopa a vagabundo
É prato fundo
Vai trabalhar, vai trabalhar
Quem engorda porco é ração
Mansão de vagabundo é galpão.

A terminologia para o pau-d'água é variada. José Roy, Carlos Gonzaga e Henrique de Almeida fizeram "Balão apagado" para o longínquo carnaval de 1962. Apagado estava Carlos Gonzaga, roqueiro, grande sucesso em 1958 com "Diana", tendo que apelar:

Olha só a cara dele
Veja o jeito que ele tá
O bicho bebeu, bebeu
Ta mais cheio que pneu.
Tá, tá, tá embriagado
O bicho tá caindo feito balão apagado.

O pai chato recebe de J. Jr., Vicente Longo e Oldemar Magalhães um título bem expressivo:

Estava tudo legal
Mas de repente engrossou
O pai dela é um chute na canela!

Em outras ocasiões a mulher é que é a encrenqueira. A festejada dupla Haroldo Lobo e Milton de Oliveira não perdoa:

Maria arranja bode, só me dá trabalho
Eu não sou jardineiro pra andar quebrando galho.

Segundo Almirante, a palavra “rosetar” provocou debates filológicos ao aparecer numa marcha dos autores citados acima, nos festejos de 1947. Com duplo sentido foi a mais cantada:

Por um carinho seu, minha cabrocha
Eu vou a pé a Irajá
Que me importa que mula manque
Eu quero é rosetar.

Dircinha Batista cantou o samba conformista de J. Jr. e José Batista:

Ai, ai, não há de ser nada
Quem bota pobre pra frente é topada.

Queixume também com Beth Carvalho interpretando Rubens da Mangueira:

Todo rico quando morre foi Deus que levou
Todo pobre quando morre foi cachaça que [matou.

Pobre, negro, homossexual, J. Piedade foi assim: uma figura trágica. Talentoso, vendeu centenas de músicas para sobreviver. Aaulfo Alves o tinha como ótimo sambista. Sobraram alguns sucessos: “Tudo acabado”, gravado por Dalva de Oliveira; “Navio negreiro”, lançado por Caymmi e que chegou à América do Norte através de Paul Robson e “Chora, doutor”. Seu último samba – o autor já em penúria – é uma constatação dolorida:

Azeitona na minha empada ninguém bota
Porque ninguém é companheiro na derrota.

As gírias surgem e são logo incorporadas. As referências às mulheres tanto podem ser depreciativas como elogiosas. Geraldo Nunes e B. Barbosa são exigentes:

Eu sou durão, não dou moleza

Mulher pra mim
Tem que ser chuchu beleza.
Tem que ser enxuta
Não me dou bem com mulher fajuta.

Nesta marchinha de carnaval A. Messina, Belmiro Barreia e Roberto Amaral pararam:

Jóia, jóia, jóia. Essa garota é uma jóia
Oh! que transa legal
Na minha patota
Vai brincar o carnaval.

Em “Não sou pamonha” o compositor Baiano avisa:

Teu escracho está comigo
A grana não levas não
Tu pensas que eu sou otário
O que eu quero é cavação.

O samba de Dora Lopes “Conversando com gíria” precisa de bula:

Se não afinar sua bandola
Sua vaca vai pro brejo
E você entregue às pulgas vai ficar
A grifa que lhe refresca
Não agüenta a bola e a sua marola
Vai marinhar
Pode ser mão de cinza, acerta o passo, majó
Vai lá na muvuca
E faz a pedida na hora maió.

Jamelão fez sucesso com “Mora no assunto”, de Padeirinho e Joaquim Santos. Outro quebra-cabeça para os não iniciados:

Mora no assunto e vê se
[te manca
Me admiro muito de
[você pondo banca
Sabe lá o que é isso? É
[fogo na roupa.
Eu te dei o assunto e você
[não morou.

